

PEDAGOGIA DA INFÂNCIA SURDA: UM SONHO POSSÍVEL
PEDAGOGY OF DEAF CHILDHOOD: A POSSIBLE DREAM

*Ana Luiza Paganelli Caldas **

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas reflexões sobre a prática pedagógica voltada para a educação de crianças surdas. O uso da Libras possibilita a essas crianças, melhor aprendizado e uma participação mais produtiva nas atividades. São abordados temas como a importância do professor, da família e da escola na formação e na educação de crianças surdas, especialmente durante o período da Educação Infantil. Ao tratar da educação do indivíduo surdo, buscou-se ressaltar as suas peculiaridades, reafirmando-se a importância do ensino precoce da língua de sinais, de o professor conhecer a Libras e acompanhar adequadamente o seu aluno surdo, avaliando os seus avanços, as suas dificuldades e respeitando os ritmos de seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Pedagogia Surda. Língua de Sinais. Libras. Infância Surda.

Introdução

Neste trabalho, propõe-se uma reflexão sobre diferentes temas que envolvem a educação a partir da perspectiva de ser surda em uma sociedade majoritariamente ouvinte, que sabe pouco ou nada sobre a surdez e a Libras. Procuo tratar de aspectos específicos como a educação infantil, a educação do indivíduo surdo e suas peculiaridades. São abordados, dentro da educação de surdos, temas como o professor, a família, a escola e as relações existentes entre essas instituições.

É oportuno iniciarmos definindo a educação como um processo de desenvolvimento integral do ser humano, visando o aprimoramento de suas capacidades físicas, intelectuais e morais, o que lhe possibilita autonomia individual e social no curso da vida. Nesse processo, é importante que seja considerada a história de vida do educando, e que não haja preconceito ou discriminação em relação à cor, sexo, língua ou religião, pois o indivíduo herda de sua família um conjunto de características físicas, morais e comportamentais. Essas qualidades devem ser

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: anacrespa2012@gmail.com

valorizadas, de forma que haja trocas entre os envolvidos, ou seja, a escola e a família, ampliando a relação de trocas entre essas instituições. Como a escola é um espaço privilegiado para o desenvolvimento da criança, é fundamental uma ação pedagógica consciente e consistente.

1. A educação de surdos

A educação de surdos difere, basicamente, pela comunicação, já que acontece por meio do uso da Língua de Sinais. Nesse processo, a presença do professor surdo na escola é de extrema importância, pois ele servirá como modelo para o aluno surdo. Nesse sentido, a precocidade do contato entre professor surdo e aluno surdo, auxiliará no desenvolvimento global do aluno, visto que a criança se identificará como um ser Surdo.

A influência da comunidade ouvinte em relação à comunidade surda é muito grande, porém, para a criança surda, quanto antes o contato com seus pares, maior será sua capacidade de desenvolvimento. Sendo assim, é importante que a língua de sinais seja considerada a primeira língua do indivíduo surdo e seja incluída no currículo das escolas. A língua oral, apresentada nas escolas, em geral não é fácil de ser apreendida pelo surdo e não o ajuda a estruturar seu pensamento.

Embora o Ministério da Educação e Cultura (MEC), em seus documentos, apresente a ideia de inclusão, é importante mostrar que o surdo precisa de uma educação diferenciada, assim como os cegos, os deficientes mentais, e outros alunos com necessidades educativas especiais. A relação do surdo com outras pessoas ouvintes deve acontecer na comunidade, ou seja, no clube, na igreja, na família, na vizinhança, menos na escola, pois quando um surdo é colocado em uma escola de ouvintes sua diferença linguística está sendo desrespeitada, se nessa escola a Libras não for usada como primeira língua, mas sim uma língua oral, o Português.

Quanto aos cegos, trabalha-se o Braille na escola inclusiva? Em uma sala de aula, como um surdo se comunicará com um cego? São questionamentos que em geral não são feitos e, se feitos, são desconsiderados. A partir dessas considerações, podemos constatar a dificuldade de uma verdadeira inclusão, tida como a resposta para o fim do preconceito e da exclusão. Existe algum momento no qual o surdo poderá sentir-se integrado ou incluído, em relação ao ouvinte? Isso só acontecerá se o educando surdo tiver uma vida escolar adequada às suas necessidades. Nesse caso, na sua formação de Ensino Médio ou Superior, poderá acompanhar o ensino regular ouvinte, sendo apoiado pelo intérprete de Língua Brasileira de Sinais - Libras, pois já terá

estruturado seu pensamento e adquirido conhecimentos que lhe darão a oportunidade de relacionar-se, opinar e discutir, de uma forma mais equivalente.

A educação de surdos é importante principalmente no campo de linguagem, no processo de comunicação e aquisição da Libras, e isso deve ocorrer anteriormente à alfabetização. De acordo com Sacks (1998, p.11),

A existência de uma língua visual, a língua de sinais, e das espantosas intensificações da percepção e inteligência visual que acompanham sua aquisição demonstra que o cérebro é rico em potenciais que nunca teríamos imaginado e também revela a quase ilimitada flexibilidade e capacidade do sistema nervoso, do organismo humano, quando depara com o novo e precisa adaptar-se. Se esse tema nos mostra as vulnerabilidades, os modos como (muitas vezes inadvertidamente) podemos prejudicar a nós mesmos, ele nos mostra, da mesma forma, nossas forças desconhecidas e inesperadas, os infinitos recursos de sobrevivência e transcendência com que nos dotaram, juntas, a natureza e a cultura.

Sendo assim, com o uso da língua de sinais, os alunos surdos, desde educação infantil, podem aprender muitas coisas e receber inúmeras informações. Começam com o uso do alfabeto manual, aprendendo novos sinais e, no convívio com outras crianças surdas, aprendem a estudar, brincar e a dramatizar em Libras. Durante esse processo de crescimento, o Sujeito Surdo desenvolve a necessária autonomia para gerir o seu futuro.

A criança surda se sente perdida na escola ouvinte, pois não consegue se comunicar e, não entendendo o que é ensinado, perde muito tempo. Uma criança surda, que não conhece Libras, em poucos meses passa a se comunicar em língua de sinais com seus colegas surdos, a elaborar perguntas e a obter conhecimento. Quando o surdo desenvolve a capacidade de ler o mundo através de Libras, descobre a diferença da língua do ouvinte para sua, já que o ouvinte recebe estímulos auditivos todo o tempo. O surdo, diferentemente, fala através de língua de sinais e explora primeiramente a língua visual, aquilo que vê.

A criança surda pode aprender a falar bem, mas sem saber plenamente o significado do que fala. Quando ela aprende a língua de sinais, uma linguagem gestual, passa a compreender melhor os significados da linguagem oral. Skliar (2001, p. 125), citando Vygotsky, afirma que:

A luta entre a linguagem oral e a gestual, apesar de todas de todas as boas intenções dos pedagogos, acaba sempre com a vitória da mímica; isto não é porque a mímica constitui, desde o ponto de vista psicológico, a verdadeira língua do surdomudo, nem porque seja mais fácil - como dizem muitos professores - mas porque ela é uma verdadeira língua em toda a riqueza de seu significado funcional, enquanto a pronúncia oral das palavras inculcadas artificialmente representa só um modelo morto da linguagem viva.

A escola deve adaptar as informações, atividades, pesquisas, análises, textos utilizados para Libras, a fim de que possa existir compreensão por parte do aluno e de que as relações com a realidade sociocultural sejam mantidas. Skliar (2001, p. 101) afirma, citando Lopes, que:

A Língua de Sinais, pelo que podemos observar, é um elemento mediador entre o surdo e o meio social em que vive. Por intermédio dela, os surdos demonstram capacidades de interpretação do mundo desenvolvendo estruturas mentais em níveis mais elaborados.

Encontrar modelos de surdos adultos que tenham um espaço conquistado no mercado de trabalho é fundamental para os alunos surdos. Isto lhes mostra o leque de possibilidades que se abre para o seu futuro, encorajando-os a não desistir de se aprimorar, de estudar de crescer, enfim, de aprender. A História da Comunidade Surda e a Cultura Surda são conteúdos importantes, mas o aluno surdo, muitas vezes, não as conhece. Os professores ouvintes também precisam conhecer a História da Cultura e da Comunidade Surda, para apresentar esse tema aos seus alunos.

Na infância, o organismo biopsíquico da criança está em contínua interação com seu meio físico-social. É um processo de desenvolvimento complexo pela interação e organização de experiências. Nesse processo, componentes físicos, emocionais, intelectuais e sociais estão intimamente relacionados. As crianças têm diversos modos de compreender e participar do mundo físico e social que as rodeia e sua construção de conhecimentos a respeito dos outros, de si próprias e da realidade social, é influenciada pelas ações e interações do dia-a-dia, ao mesmo tempo em que interfere em seu contexto. Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular e especial de as crianças serem e participarem do mundo é um desafio para pais, educadores e outros profissionais.

Costa (2001) afirma que nossa sociedade não reconhece os direitos humanos, nem os das crianças. Mudar a situação dentro da escola se torna tarefa desafiadora aos educadores que desejam uma escola que permita às crianças a leitura dos mapas de um mundo complexo e agitado, dando, ao mesmo tempo, condições para que sigam através dele. Com o correr do tempo, foram se formando novos conceitos sobre a infância. A maneira de pensar como a criança deve ser tratada e de como deve ser sua educação, mostra mudanças nas concepções de infância, educação e sociedade, temas que estão intimamente relacionados.

Em fins do século XIX, um novo olhar é dirigido à infância. A escola não é somente um lugar onde serão aplicados, sobre grande parte da população infantil, métodos e técnicas avalizadas pelo professor, declarado autoridade competente por autoridades legitimadoras de

seus saberes e poderes. A escola é também uma instituição social que emerge enfrentando outras formas de socialização e de transmissão de saberes. Os colégios inauguram uma forma de socialização que rompe a relação existente entre aprendizagem e formação.

O trabalho pedagógico na escola deve se comprometer com as transformações necessárias para que a sociedade se tome mais democrática, reorientando-se a visão que se deve ter das crianças, atores sociais que têm um papel essencial na sociedade. Para conhecer melhor as crianças, devemos levar em conta sua condição social e sua cultura. Os primeiros anos de vida da criança podem ser considerados os mais importantes para o seu desenvolvimento global. Nesse período escolar, a educação infantil deve estimular a troca de experiências e proporcionar novas oportunidades de aprendizagem.

Na educação infantil, a proposta de trabalho se diferencia em função dos objetivos e do currículo que se adota. A aprendizagem deve se dar de forma natural e prazerosa. O jogo tem uma função importante, visto que estimula o pensamento e proporciona aprendizagem sem imposições. As atividades apresentadas aos alunos devem ser adequadas às faixas etárias. Desenvolver a autonomia e o senso crítico do aluno também são objetivos que devem ser desenvolvidos na educação infantil. Quanto à avaliação, deve ser contínua e diária. É importante que o professor conheça o seu aluno, para que possa avaliar os seus avanços e dificuldades, respeitando sempre os diferentes ritmos de desenvolvimento.

A educação infantil de crianças surdas tem como principal objetivo a aprendizagem básica da Língua de Sinais. Nessa fase, a maioria das crianças surdas não interage porque desconhece sua língua natural, a Libras. O conhecimento de uma língua de sinais garante o seu conhecimento da realidade, de seus sentimentos, de suas necessidades físicas e emocionais e das informações básicas sobre saúde, alimentação, identidade, limites, possibilidades. A principal dificuldade da criança surda é o desconhecimento da língua de sinais, devido à falta de aceitação pelos pais e pela sociedade. O ideal seria estimular a professora a aprender essa língua, fundamental para a educação da criança surda.

A verdade é que há pouca informação didática e metodológica na área de educação de surdos. O programa é uma adaptação do que se aplica aos ouvintes, o que não ajuda a reverter o quadro e dar a todas as crianças as mesmas oportunidades, independentemente de suas carências sensoriais.

2. O papel do professor

Quando pensamos no papel do professor, logo vem à mente a pergunta: quais os conhecimentos e as atitudes que o professor precisa ter para que sua prática tenha qualidade? Certamente as respostas para essa pergunta sejam: ter uma boa formação pedagógica, ter conhecimento da realidade dos alunos e reconhecer a necessidade de uma formação cidadã para seus alunos, principalmente no que se refere à formação de sujeitos autônomos e críticos. Garcia (1993, p.148) aponta a “necessidade de formação de um educando que possa ser sujeito, no sentido de ter uma participação ativa e consciente de seu próprio processo de conhecimento”.

Com isto, podemos refletir nas relações entre teoria e prática, as implicações na sala de aula e a necessidade de uma formação que atenda as demandas do nível de ensino com o qual o professor trabalha, como é possível confirmar no art. 62 da LDB “A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior de educação, admitindo como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 4 primeiros séries do ensino fundamental.” O que se vê, porém, no cotidiano escolar, é que o profissional da educação, mais do que formação, precisa ter capacidades múltiplas como ensinar, aprender, observar, brincar, trocar, compreender, participar, para proporcionar um ambiente adequado de ensino e de aprendizagem aos seus alunos. Embora isso não seja fácil, cabe a nós, professores, manter acesa a chama da utopia em todos os momentos de nossa prática. Acreditando na utopia, na ação transformadora da escola, espera-se que isso não seja um sonho distante.

2.1. Professor surdo na educação para surdos

Laurent Clerc (1785-1869) foi um professor surdo, francês, que fundou a primeira Escola para surdos na América do Norte, juntamente com Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851). Com seus estudos sobre a comunidade surda, Clerc e Gallaudet mudaram a história dos surdos para sempre. Hoje ao pensar na educação de surdos, pensamos também na escola e no profissional que trabalha com estes alunos. A Escola de Surdos necessita de profissionais surdos aptos, com formação pedagógica adequada, para que possa ser um modelo para outros sujeitos surdos, como Laurent Clerc foi. O professor surdo deve ser uma referência para a convivência dos surdos com as diferentes comunidades surdas, para o conhecimento da comunidade ouvinte e o respeito às diferentes culturas. Para isso, o professor surdo deve ter sua identidade surda bem definida.

O professor surdo é um mediador entre a criança surda e as informações do mundo, pois a essa criança, geralmente, tem poucas vivências de mundo, visto que, na maioria das vezes, pertence a uma família de ouvintes, com a qual não estabelece uma boa comunicação, por falta do uso da língua de sinais. É por meio dos sinais que o surdo faz sua leitura do mundo e aprende a se expressar por meio de piadas, poesia e encenações teatrais.

2.2 Professor ouvinte na educação de surdos

O professor ouvinte que ensina crianças surdas deve ter alguns conhecimentos específicos, como: formação especializada, convivência com a comunidade surda, conhecimento da cultura e identidade surda, conhecimento de língua de sinais. Sobre a formação específica, o mais importante é o conhecimento da língua de sinais. O professor deve buscar uma imersão nessa língua. A formação do professor ouvinte deve ser específica para área de surdez, com atualizações constantes, pela participação em Congressos e Seminários sobre os temas “surdez” e “educação de surdos”.

A convivência do professor ouvinte com a comunidade surda também é um dado importante, pois assim o professor terá maior conhecimento sobre o dia-a-dia do sujeito surdo, suas especificidades quanto ao comportamento, seus hábitos, costumes e suas relações com seus pares, pois isso os leva a conhecer as potencialidades dos sujeitos surdos. A diversidade do sujeito surdo também deve ser levada em consideração pelos professores ouvintes, uma vez que o surdo também pode ser surdo negro, surdo católico, surdo homossexual, ou seja, além de surdo, ele é um cidadão com diferentes características étnicas, psicológicas, culturais.

Para que a prática do professor ouvinte se adapte às necessidades da comunidade surda, é importante que ele se aproxime dos conhecimentos específicos que fazem parte da cultura surda. Segundo Perlin (1998, p. 57), “a identidade surda se constrói dentro de uma cultura visual. Essa diferença precisa ser entendida não como uma construção isolada, mas como construção multicultural”. Como a cultura dos surdos é visual, o conhecimento da língua de sinais é fundamental para que a educação dos surdos seja realizada com o uso de práticas adequadas. O professor ouvinte deve ter clareza da necessidade de aperfeiçoar o seu uso da língua de sinais, pois é a partir dela que os conteúdos escolares serão apresentados aos educandos e o professor se comunicará com seus alunos, para que haja um diálogo e as opiniões dos alunos não sejam rejeitadas pelo simples fato de o professor não entender o que eles querem

dizer. A prática de aula deverá ser verdadeiramente dialética, uma prática de transformações de conceitos através de desafios e questionamentos entre os sujeitos.

3. Relação aluno-professor

Na relação diária entre aluno e professor, muitos são os desafios para que seja mantida a harmonia. Para isso, o professor deve perceber e respeitar as diferenças entre seus alunos e permanecer atento aos acontecimentos, pois muitas vezes problemas familiares podem retardar o desenvolvimento de uma criança. Como afirma Paulo Freire (1993, p. 53), “conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe: sem isso não temos acesso à maneira como pensam, dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem”.

As crianças precisam de um ambiente saudável, de trocas, desafios e limites. Na relação entre professor e alunos, muitas das experiências podem ser aproveitadas e trabalhadas em atividades, dentro do currículo escolar, gerando debates e fecundas discussões. A criança tem na família sua primeira referência e, a partir dessas referências, vai construindo sua identidade. No entanto, a família vem passando por mudanças culturais. Valorizada em suas práticas e visões da realidade, a família poderá ajudar a escola e o professor, favorecendo maior integração e respeito mútuo. Sobre os contatos entre pais e mestres, Kramer (1993, p. 102) observa que

[...] as reuniões devem ser momentos de integração, onde as famílias tenham oportunidade de conhecer, sentir e refletir sobre o que as crianças fazem e aprendem na escola, e onde os profissionais da escola ouçam e respondam às dúvidas e críticas dos pais, criando um clima de debate e crescimento. Para que tal objetivo seja alcançado é crucial envolver as famílias na escolha dos temas das reuniões e, além disso, desenvolver um tipo de dinâmica que possibilite a participação intensa de pais e professores.

O entrosamento entre a família do aluno surdo e a comunidade escolar, torna possível colocar em andamento vários projetos para o desenvolvimento desses alunos, entre eles o mais importante para o surdo, a comunicação-vetor para alcançar a integração social, a apropriação de conhecimentos e cidadania.

A qualidade das trocas que se estabelecem em um plano visual gestual entre pais e filhos, amigos, professores e alunos influencia decisivamente na forma de como as crianças surdas, no caso, tornam mais complexos seus pensamentos e processam novas informações (SKLIAR, 2001, p. 85).

Os surdos não são iguais, por serem surdos. Cada surdo conta com um meio familiar e social, tem a sua história, as suas vivências e as suas aspirações pessoais. Os surdos têm religiões, situações econômicas, sexos e raças diferentes. É a família, a escola, o professor e o próprio aluno que, interagindo, fazem a educação do surdo.

Alguns pais ouvintes não conhecem a língua de sinais e criam gestos próprios para se comunicarem com a criança. No entanto, para se comunicar totalmente com seu filho surdo, os pais devem aprender Libras. Diante de um filho surdo, muitas vezes os pais não sabem como agir. Pensam no futuro do filho e, por falta de informação, não confiam nas escolas de surdos. A participação dos pais em eventos da comunidade surda é importante, pois assim terão maior conhecimento da realidade dos surdos. Ao se tornarem divulgadores das ações dessas comunidades, os pais valorizarão seus filhos.

Os programas para os pais em escolas de surdos têm vídeos de depoimentos e informações diversas sobre a cultura e a educação dos surdos. A maior preocupação dos pais é a de que filhos, por serem surdos, não consigam atingir um bom nível educacional. Os pais necessitam superar as dificuldades de comunicação, pelo uso da Libras, e conversar sobre o que acontece no mundo, comentando as notícias da TV, para que a criança surda possa ampliar o seu conhecimento do mundo, o que vai ajudá-la também na escola. É importante para a criança surda que sua família compreenda as suas necessidades e, assim, possa auxiliá-la na construção de seu caráter e personalidade.

A família precisa considerar a comunidade surda como parceira na aprendizagem da Libras, que faz parte da cultura surda. A oralização e a aprendizagem da língua portuguesa não devem ser forçadas. Os pais devem aceitar a realidade de ter um filho surdo, informar-se e agir precocemente, conscientemente, sem protecionismo nem preconceitos. Devem procurar outros surdos em sua comunidade, se aproximar de adultos surdos, com experiência de vida, que conhecem a realidade do surdo, e com eles conviver socialmente. Dentro do possível, engajar-se na luta dos surdos por condições de estudo e trabalho. Os pais devem também incentivar o desenvolvimento afetivo do filho, reforçando sua autoestima, enfatizando suas capacidades, em vez de apontar somente suas limitações.

Em relação à escola, os pais devem, em primeiro lugar, participar ativamente da vida escolar da criança surda e exigir para seus filhos profissionais competentes na Libras e, preferencialmente, um professor ou instrutor surdo habilitado para adquirir a cultura surda. Usar em casa a dramatização, a expressão artística, e o jogo em situações do cotidiano, e sugerir

essas ações à escola, pois isso possibilita às crianças em geral, e especialmente à criança surda, substancial melhoria em seu entendimento da realidade.

4. O aluno surdo e a Educação infantil

Na organização do ensino para a Educação Infantil, a escola e o grupo de docentes devem levar em consideração a organização da prática cotidiana, a organização do tempo, organização da sala de aula, visando o desenvolvimento integral da criança, ou seja, desenvolvimento físico, emocional, social, psicológico e cognitivo.

A organização da prática cotidiana relaciona-se com a rotina escolar, que deve levar a criança a compreender as exigências e o funcionamento da vida em sociedade. É importante valorizar e conhecer o bairro, as famílias, os costumes. Cada indivíduo tem diferenças e seus valores foram firmados por seu meio social.

O tempo deve ser organizado para que as atividades propostas levem em conta o tempo de atenção que a criança consegue manter. As atividades devem ser significativas, adequadas às realidades dos alunos, com uso de jogos, brincadeiras e a narração de histórias.

A organização da sala de aula relaciona-se ao ambiente, que deve ser mantido limpo e agradável. Uma sala de aula na educação infantil precisa ter espaço, boa luminosidade e ter banheiro anexo, para que seja mais fácil ao professor monitorar a criança na hora da higienização. Nesse espaço também é necessário que sejam mantidos jogos, brinquedos livres, material reciclável, enfim, todo material pedagógico que auxilie o desenvolvimento dos alunos. É neste espaço escolar que a criança começa a realizar as primeiras trocas formais, a relaciona-se com outras crianças e a adaptar-se a novas rotinas, aprendendo a respeitar limites e regras de convivência social. É também neste ambiente que a criança pratica sua autonomia e se torna um sujeito ativo da sociedade.

As crianças que ingressam na educação infantil, na maioria das vezes, nunca tiveram contato com a língua de sinais. Geralmente, é através da dramatização, dos gestos e mímicas que começam a ocorrer as primeiras relações de comunicação entre a criança surda e sua família. A Educação Infantil é de grande importância para todas as crianças, mas para a criança surda é muito importante, nesse momento, ter um professor surdo, para que este sirva de mediador entre os gestos e a língua oficial. Skliar (2001, p. 147) afirma que a “presença do professor e da língua de sinais na escola se convertem na melhor garantia de uma eficiente educação”. Mas é relevante mencionar que todo este processo de transição da comunicação

familiar, em forma de gestos, para a comunicação oficial de surdos, a Libras, deve se dar de forma natural e gradativa, e não imposta, pois cada criança tem seu próprio ritmo.

A língua de sinais não é só utilizada como uma forma de comunicação, mas também como um instrumento de organização do pensamento do indivíduo surdo. Por isso, a criança surda precisa usar essa língua de forma precoce. A dramatização, como veículo mediador para aquisição da língua de sinais, não pode ficar de fora de educação infantil para surdos. É difícil conceituar os sentimentos para as crianças surdas, pois esses não podem ser vistos, não são elementos concretos. Para expor a expressão e o significado dos sentimentos, é importante o uso da dramatização, pois as expressões faciais estão intimamente ligadas com a língua de sinais, ou melhor, fazem parte dela, servindo como a entonação vocal que os ouvintes usam ao falar.

Como as outras crianças, a criança surda observa e vivencia a sala de aula, a rua, a cidade, desenvolvendo sua visão de mundo e desenvolvendo-se cognitivamente. O contato e a interação com diferentes materiais como livros, histórias em quadrinhos, tiras humorísticas, charges de jornais, jogos de sequência lógica, quebra-cabeças, gravuras e filmes são importantes para incentivar à curiosidade, desenvolver a atenção, a observação e a memória visual dos surdos, pois eles percebem e ouvem o mundo através dos olhos.

O ensino da Libras é uma dramatização das palavras, o surdo lê e ouve através dos sinais, de símbolos visuais. Em geral, os ouvintes oferecem ao surdo uma comunicação pobre, repetitiva e, para o surdo, inexpressiva. Este modelo prejudica a criança surda, pois a falta de comunicação adequada, que seja atraente, dinâmica e de expressão natural impede o despertar do valor da comunicação em si própria e, conseqüentemente, desestimula a aquisição da linguagem interior e a inter-relação dessa com a interpretação e a comunicação por Libras. À medida que a criança se desenvolve, a linguagem serve como impulso para o pensamento e, na sequência, esse contribui para a aquisição de novas formas de comunicação, enriquecendo ainda mais a linguagem. Quanto ao educador, deverá, nesse processo, respeitar os saberes dos alunos e a partir destes saberes, questioná-los, indagá-los e desafiá-los para a construção dos novos saberes. Madalena Freire (1983, p.15) afirma:

Quando se tira da criança a possibilidade de conhecer este ou aquele aspecto da realidade, na verdade se está alienando-a da sua capacidade de construir seu conhecimento. Porque o ato de conhecer é tão vital como comer ou dormir, e eu não posso comer ou dormir por alguém.

Da mesma forma, para Freire (1983) são também vitais o jogo e o ato de brincar para as crianças de todas as faixas etárias, mas principalmente para as crianças da Educação Infantil. Tânia Fortuna (2000, p. 159), citando Winnicott (1975, p. 80) também nos diz que “é somente no brincar que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral, e somente sendo criativo pode descobrir seu eu.”

Em educação, precisamos acreditar na beleza dos sonhos e caminhar com entusiasmo, semeando valores, conhecimentos, oportunidades. Educamos quando caminhamos juntos.

Considerações finais

O sujeito surdo sofreu durante muitos anos sob uma pedagogia oralista que, para o surdo, não dá significado aos objetos, dificultando e, em muitos casos, impedindo a aprendizagem. O oralismo não é a escolha adequada para educação de surdos. O surdo perde a oportunidade de aprender, perde contatos e trocas sociais, perde a relação com a família, perde a relação com os professores, e muitas vezes são rotulados como sujeitos com dificuldades de aprendizagem. Na qualidade de professora surda, engajada na luta pela educação e promoção do surdo, preocupo-me especialmente com a aquisição da Libras, a Língua de Sinais Brasileira, pelo surdo ainda criança, visto que essa é a língua natural dos surdos.

Na verdade, a dificuldade é externa ao sujeito. Ele não encontra o canal de comunicação adequado à sua estrutura linguística e, dessa forma, além de ter o seu desenvolvimento linguístico comprometido, tem limitada a sua possibilidade de desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Muitos pensam que as pessoas surdas não sabem sua própria língua, que não são capazes de falar, de ter um pensamento estruturado ou de desenvolver um alto nível de conhecimento. Algumas pessoas têm interesse em se comunicar com os surdos, pois reconhecem que os surdos sabem se comunicar e têm o que dizer.

Por falta de informação, muitas pessoas não sabem muito sobre a pessoa surda. Desconhecem que a aquisição de linguagem da pessoa surda se dá pela estimulação visual. A criança surda utiliza sua acuidade visual para conhecer o mundo e é através da compreensão desses significados que constrói seus esquemas mentais.

Muito alunos surdos têm dificuldades com o aprendizado de português, devido ao contato tardio com a língua de sinais. As crianças surdas precisam ter contato precoce com a língua de sinais, e se comunicarem com outros surdos, para que, estimuladas por eles, possam

avançar no domínio da linguagem. Tendo o domínio de sua própria língua, terão maior facilidade para a aquisição do português escrito, pois poderão traçar paralelos entre as duas línguas.

É muito importante que dentro da escola haja profissionais surdos e ouvintes que dominem o uso da língua de sinais e do português, pois uma das maiores dificuldades que os surdos enfrentam na escola é a falta de fluência de muitos professores quanto à Libras. As propostas metodológicas devem ter uma perspectiva interdisciplinar, a fim de que possam atender às necessidades da educação dos surdos. Enquanto isto não acontecer, muitos problemas em relação à aquisição do português escrito ainda permanecerão em evidência na escola.

Abstract

The aim of this paper is to present some reflections on the pedagogical practice focused on the education of deaf children, among which is the game and its interferences as a generating theme for a pleasant, autonomous and playful education, being the game interpreted here in its sense, broad range involving activities such as theater, symbolic play, games, stories. As a deaf teacher engaged in the struggle for education and promotion of the deaf I am especially concerned with the acquisition of Libras, the Brazilian Sign Language, as a child, as this is the natural language of the deaf. And the learning processes developed in Libras enable children to be more participative in activities.

Key-words: Deaf Pedagogy. Sign Language-Libras. Deaf Childhood.

Referências

BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**, Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 13 set. 2019.

COSTA, Márcia Rosa. **Metodologia de ensino e metodologia aplicada às séries iniciais**. Canoas: ULBRA, 2001 (mimeo).

FORTUNA, Tânia Ramos. Sala de aula é lugar de brincar? In: XAVIER, M. L. M. e DALLA ZEN, M. I. H. (Org.) Planejamento em destaque: análises menos convencionais. **Cadernos de educação Básica**, Porto Alegre: Mediação, 2000. (Cadernos de Educação Básica, 6) p. 147-164. Disponível em: < https://brincarbrincando.pbworks.com/f/texto_sala_de_aula.pdf >. Acesso em: 13 set. 2019.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água. 1993. Disponível em: <http://forumeja.org.br/files/Professorasimtiano.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019.

GARCIA, Regina Leite (Org.). **Revisitando a pré-escola**. 2ª ed. São Paulo: Cortez. 1993.

KRAMER, Sonia (Org.). **Com a pré-escola nas mãos**: uma alternativa curricular para a educação infantil. São Paulo: Editora Ática, 1993.

PERLIN, Gládis. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SKLIAR, Carlos. **Educação e exclusão**: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

WINNICOTT, D. W.. **O brincar & a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Submetido em 27 de maio de 2020.

Aceito em 20 de julho de 2020.

Publicado em 26 de novembro de 2020.